em Portugal: Anatomia de uma Falência Silenciosa

Publicado em 2025-05-26 10:22:10

Artigo de Francisco Gonçalves

Vivemos num país onde a produtividade rasteja, e as empresas, mesmo sobrevivendo, vivem suspensas entre o improviso e o abismo. Eis o diagnóstico lúcido — e incômodo — de um sistema que não avança porque tem medo de pensar.

---

1. Gestão arcaica, mentalidade de comando

A maioria das empresas portuguesas ainda é gerida com a cabeça nos anos 80: autoritarismo disfarçado de liderança, controlo em vez de confiança, horas de trabalho confundidas com produtividade.

Iniciativa? Autonomia? Criatividade? Palavrões perigosos para o chefe que quer manter o seu pequeno império intacto.

> "Faz como sempre se fez." – ecoa entre departamentos como mantra paralisante.

---

2. O país que exporta talento e importa mediocridade

A inteligência crítica foi expulsa. Literalmente. Os melhores partiram, e os que ficaram foram domesticados ou silenciados.

A meritocracia é decorativa. Os que pensam são incómodos. Os que repetem são promovidos.

Resultado? Empresas que não aprendem. Que não se reinventam. Que sobrevivem num piloto automático de baixo custo e baixo impacto.

---

3. Educação sem pensamento

Preparamos jovens para passar testes, não para pensar. Para seguir regras, não para quebrar paradigmas. O resultado: trabalhadores formatados, avessos ao risco, alérgicos à iniciativa.

Como inovar, se nunca se aprendeu a questionar?

---

4. Tecnologia sem cultura

Há tablets, software de gestão, dashboards… mas tudo em cima de processos arcaicos e mentalidades pré-digitais.

A digitalização em Portugal é muitas vezes um teatro: moderno por fora, velho por dentro.

---

5. O ciclo da asfixia financeira

Empresas subcapitalizadas, bancos que não confiam, apoios que não chegam. O risco é uma palavra proibida. Investe-se pouco, forma-se menos ainda, planeia-se quase nada.

Sem investimento, não há produtividade. Só sobrevivência.

---

6. Um Estado que complica

O Estado não serve. Pesa. Custa. Exige. Retira. E não devolve.

As empresas enfrentam burocracias kafkianas, fiscalizações cegas, decisões políticas que mudam ao sabor do voto fácil.

O Estado é, para muitos empresários, uma entidade hostil.

---

7. Cultura da mediocridade tolerada

A excelência é vista como arrogância. A exigência, como elitismo. A visão de longo prazo, como delírio.

Portugal vive com a mira apontada ao curto-prazo. À sobrevivência. Ao remendo. Ao desenrascanço.

Conclusão: País à beira do colapso produtivo

Sem inteligência, sem planeamento, sem cultura de exigência, **não há produtividade que floresça**.

Portugal precisa de mais do que fundos europeus e slogans ministeriais. Precisa de um novo pacto com a verdade, com a inovação, com a coragem de mudar a fundo.

> “Uma empresa sem pensamento é uma caixa registadora. Um país sem pensamento, um simulacro de futuro.”

Francisco Gonçalves

Creditos para OpenAI (c)

Nota : Este artigo é fruto da minha experiência de trabalho em empresaa multinaionais, em Portugal e no estrangeiro, e com as mais diversificadas empresas públicas e privadas deste meu país.

“Portugal não tem um problema de falta de horas de trabalho — tem um problema de falta de pensamento.
Somos um país de empresas que sobrevivem, mas não planeiam.
De gestores que mandam, mas não lideram.
E de trabalhadores formados para obedecer, não para inovar.”

> *A produtividade não morre por falta de ferramentas — morre por ausência de cultura crítica.*